



De *Bambi* a *Fuga das galinhas*: Como as animações de longa-metragem têm acompanhado a discussão em torno dos direitos animais.¹

Tânia Regina VIZACHRI²
Luís Paulo de Carvalho PIASSI³
Universidade de São Paulo, São Paulo - SP.

Resumo

A humanidade sempre levantou questões em torno da nossa relação com os animais. Os filmes infantis de animação não se ausentaram dessas questões. São muito comuns animações que apresentam discussões em torno de nossa relação com os animais, inclusive as que arrecadaram maior bilheteria tratam do tema. A proposta deste artigo é compreender o que tem mudado nas animações de longa-metragem quanto à forma de representar os animais e nossa relação com eles, incluindo temáticas relativas aos direitos dos animais. Lembrando a primeira animação de longa-metragem a tratar do tema mais radicalmente – *Bambi* – e, por fim, serão analisadas duas animações *Fuga das galinhas* e *Bee movie* a fim de mostrar que mesmo as animações atuais estão longe de ser uniformes quando abordam a temática.

Palavras-chave

Animação; representação; direitos animais.

Introdução:

A humanidade sempre utilizou a figura dos animais para os mais diversos fins. John Berger (2009) diz que as semelhanças e diferenças entre humanos e animais permitiu aos animais provocarem algumas das primeiras questões e oferecer respostas. Durante toda a nossa história humana, a nossa relação com os animais foi controversa, envolvida por diversas maneiras de compreendê-los, o que gerou diversos tabus. Ao longo da história humana ocidental, houve pensadores que defenderam a possibilidade de concessão dos direitos humanos estendidos aos animais. Embora estes estivessem além do seu tempo, viviam dentro de seu contexto e os defendiam no limite de suas possibilidades. Jeremy Bentham, filósofo britânico do séc. XVIII, foi um dentre outros que se tornou referência nessa reflexão. Ele questionava o argumento de que se a razão

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Mestranda em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, email: taniarv@usp.br.

³ Orientador do trabalho e do mestrado em Estudos Culturais, email: ippiassi@usp.br



fosse um critério para definir quem possui direitos como ficariam os bebês e as pessoas com necessidades especiais? Também sonhou que "talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos dos quais jamais poderiam ter sido privados, a não ser pela mão da tirania" (BENTHAN, 1979). Henry Salt, reformista britânico que formou a Liga Humanitária com o objetivo de banir a caça como esporte, publicou em 1892 *Animals' Rights: Considered in Relation to Social Progress*. Entretanto, é na década de 1970 que a discussão começa a tomar fôlego entre os mais diversos pensadores, tendo seu início na Universidade de Oxford. Em 1972, o psicólogo Richard D. Ryder cunhou o termo "especismo" e lançou o influente livro *Animals, Men and Morals: An Inquiry into the Maltreatment of Non-humans*. A partir dessa obra, Peter Singer, escreve a obra mais famosa que até hoje se tornou referência entre os pensadores da área - *Libertação Animal* publicada originalmente em 1975. Em 1978 também é escrita a Declaração Universal dos Direitos Animais, a qual foi proclamada em assembleia, pela UNESCO, em Bruxelas, no dia 27 de janeiro de 1978. Na década de 1980 em diante o movimento ganha adeptos das mais diversas disciplinas e, assim, a discussão começa a evoluir e a ganhar novas linhas de pensamento. Após o livro de Tom Regan *The Case for Animal Rights*, 1983, o pensamento abolicionista começa a ganhar espaço e surgem novos conceitos como o de "sujeitos-de-uma-vida" e a distinção entre agente e paciente moral. Em 1995, outro filósofo da área, Gary L. Francione ganha destaque ao escrever *Animals, Property, and the Law* onde cria o critério da senciência para definir a inclusão dos seres vivos na esfera dos direitos. Daí em diante, cada vez mais a discussão ganha adeptos no ambiente acadêmico dentro das mais distintas áreas. Surge então, o que os estadunidenses chamam hoje de *Animal Studies*, cujo objetivo é pensar as relações entre viventes humanos e não humanos.

As mídias, especialmente os filmes de animação, têm acompanhado essas mudanças. Afinal, a mídia não transmite apenas histórias que reforçam a ideologia dominante, mas também histórias que as questionam (KELLNER, 2001). Pois para serem consumidas, as histórias precisam fazer sentido e estarem de acordo com a cultura daqueles que a recebem. Como disse Adorno (1985), a característica principal da indústria cultural é a produção e reprodução de bens padronizados que se originam na satisfação das necessidades dos consumidores. Se não se baseassem em necessidades, os produtos não seriam aceitos sem resistência pelo público consumidor.

A antropóloga Nádya Farage também percebe que está havendo mudanças na forma de representar os animais nas animações e as atribui a uma maior sensibilização



com os animais trazida pelos movimentos de libertação animal. Como disse a antropóloga: “a inteligibilidade e recepção dos filmes (...) encontra-se na disseminação das teses levantadas pelos movimentos de libertação animal, a partir, sobretudo, da publicação da obra de Peter Singer (1975).” (in: SUPPIA; MEDEIROS, 2011). Essas representações são tanto reflexos de nossa mudança cultural quanto produtoras de significados delas. A questão que trago neste trabalho é: o que tem mudado nessas representações de animais e de nossas relações com eles?

Alguns dados sobre a mudança

Apesar de filmes desde o século XX - como *Bambi* (Disney, 1942) e *Dumbo* (Disney, 1941) – já apresentarem discussões relativas à ética na relação humano-animal, é fato que no século XXI vemos um aumento na frequência de filmes que trazem consigo essas questões que têm se tornado até mais radicais. A Disney, mais tradicional empresa de animação fundada em 1923, até o ano 2000 produziu apenas 4 filmes que discutia a questão da ética na relação humano-animal: *Bambi* e *Dumbo* – ambos produzidos no início da década de 1940; *A dama e o vagabundo* (1955) e *101 Dálmatas* (1961). A Disney produziu também outros filmes com animais como personagens principais. Entretanto, estes não tratam diretamente da discussão sobre a relação entre humano-animal como, por exemplo: *Aristogatos* (1970), *As aventuras de Bernardo e Bianca* (1977), *O rei leão* (1994), *Vida de inseto* (1998)⁴, etc...

Após o ano de 2000 até 2013, temos 11 filmes produzidos pela Disney que tratam da relação humano-animal: *A dama e o vagabundo II* (2001); *Mogli, o menino lobo 2* (2003); *Procurando Nemo* (2003); *Irmão urso* (2003); *Nem que a vaca tussa* (2004); *Bambi II* (2006); *Bolt* (2008); *Selvagem* (2006); *Irmão urso II* (2006); *Ratatouille* (2007); *Up – altas aventuras* (2009). Entre essas animações de longa-metragem, apenas *Nem que a vaca tussa* e *Bolt* deixam de tratar da questão ética na relação humano-animal. Inclusive, *Nem que a vaca tussa* foi o fracasso da Disney em 2004, perdendo para o filme de sucesso da concorrente Dreamworks: *Shrek* (2004). Stewart (2006, p. 567) relaciona o fracasso de tal filme à tecnologia empregada nele: desenho à mão.

⁴ Apesar de *Aristogatos* ter em seu enredo um problema ente humanos e animais, não é um filme que trata da ética nessa relação. A história se passa com gatos que seriam os herdeiros de uma senhora, tentando ter acesso a essa herança cujo mordomo roubou deles. *Bernardo e Bianca* também não apresenta a discussão ética. É uma historia onde um casal de ratos tentam descobrir o mistério do desaparecimento de uma garota. *O rei leão* e *Vida de inseto* retratam dilemas humanos vividos entre os animais.



Dentre as animações da Disney citadas acima, 3 foram feitas em parceria com a Pixar: *Procurando Nemo*, *Ratatouille* e *Up – altas aventuras*. Essas três, inclusive, foram as animações de maior audiência da Pixar, só perdendo para *Toy Story*. A ordem de arrecadação é *Toy Story*, *Procurando Nemo* e *UP – altas aventuras*, *Os incríveis* (2004) e *Ratatouille*. Apesar de *UP* ser uma animação cujo enredo trata de dramas humanos como a velhice e a urbanização, também traz em sua trama a busca da ciência pelo animal exótico.

A Dreamworks Animation tem sua primeira animação de longa-metragem lançada em 1998: *Formiguinhaz* que apesar de tratar de animais, não discute a ética na relação humano-animal. Em 2000 lança *A fuga das Galinhas*, *Spirit - o corcel indomável* (2002), *Wallace e Gromit – a batalha dos vegetais* (2005), *Madagascar* (2005), *Os sem-floresta* (2006), *Por água abaixo* (2006), *Bee movie* (2007), *Madagascar 2* (2008), *Madagascar 3* (2012). O total de 9 animações que discutem a ética na relação entre humanos e animais. Dentre essas, *Madagascar* é a líder em bilheteria perdendo apenas para *Shrek*.

Blue Sky é uma produtora mais recente que a Dreamworks, tendo lançado sua primeira animação de longa-metragem em 2000: *A era do gelo*. Essa foi sua animação de maior sucesso de bilheteria. Apesar de tratar de dilemas dos animais enfrentados devido às mudanças climáticas, a animação não trata da ética humano-animal, até porque seria anacrônico. Sua segunda animação de sucesso *Rio* (2011) é a única que discute a relação ética entre humanos e animais.

Assim, enquanto no século XX havia apenas 4 filmes que discutiam a questão da ética entre humanos e animais, sendo todos da Disney; nos 13 primeiros anos do século XXI vemos 19 animações de 4 estúdios diferentes que tratam dessa relação ética entre humanos e animais. Dentre esses estúdios, a Disney e a Dreamworks são as que mais apresentam a temática ética, com 9 filmes cada. A Pixar, embora explore bastante o recurso da antropomorfização, produziu apenas 3 filmes que possibilitam a discussão ética. E a Blue Sky apenas 1. Podemos observar, então, que houve um crescimento de produções sobre a temática que tem se tornado cada vez mais frequente em todos os setores sociais.

O sucesso da Pixar após 1995 levou a um aumento da concorrência entre os estúdios, aumentando assim, o número de temáticas parecidas nas animações (DENIS, 2010). Entretanto, é só observarmos a Disney para vermos que mesmo a produção de uma mesma empresa teve um aumento significativo no século XXI.



O que mudou?

Randy Malamoud, em seu artigo *Animal Animated Discourse* (2007), constata que a representação dos animais nos desenhos animados tem mudado e se tornando mais fidedigna ao que é o animal. Eunice Kindel (2007), em sua dissertação de mestrado destaca que apesar de personagens animais serem muito comuns na década de 70 - como Mickey, por exemplo - “o que os diferencia dos desenhos atuais são os cenários que, nos desenhos produzidos a partir da década de 90, retratam a natureza com uma perfeição antes jamais imaginada.” (KINDEL, 2007, p. 227). Isso ocorreu tanto devido ao desenvolvimento da tecnologia computadorizada pós *Toy Story* (1995) que tem retratado tudo de forma mais realista, como também devido a uma mudança no olhar do telespectador, que tem se voltado progressivamente à questão de como estamos tratando os animais. Outro detalhe não menos importante é que não apenas a perfeição do retrato mudou, como também os animais têm sido representados de uma forma mais fiel às suas características físicas, aos seus movimentos e aos seus habitats. Além do mais, têm sido representados com uma sensibilidade mais aguçada quanto aos seus desejos e intenções. Se pegarmos a representação do rato, por exemplo, podemos observar uma grande mudança nesse processo. O primeiro rato famoso nas animações foi o Mickey Mouse, o último Remy – protagonista em *Ratatouille*. Há praticamente um abismo de diferenças nas representações deles. Cabe aqui a questão: o que o Mickey tem de rato além de seu focinho e rabo? Seus gestos são muito parecidos com o de humanos, usa roupas como humanos, fala como humano e vive nos mesmos ambientes que humanos vivem. Mickey só é figurado como um rato porque tem como característica a esperteza. Então, ele é um rato no sentido figurado.

Vemos em *Ratatouille*, entretanto, que o personagem principal Remy e todos os outros de sua espécie são ambientados no esgoto e nos buracos da cidade, local que restou aos ratos viverem nas grandes cidades. Todos os ratos em *Ratatouille* são representados no formato de rato mesmo e têm movimento de rato, correndo como um rato. Embora Remy, personagem principal e que busca se alimentar de forma refinada, própria aos humanos, é representado de forma mais fina e cores cinza/azuladas, ele não perde as características e o formato próprio do rato. Enquanto o seu irmão, que come tudo o que vê pela frente, é representado de forma gorda e nas cores cinza amarelado/amarronzado. Portanto, embora antropomorfizados, os ratos em *Ratatouille* ainda representam ratos.



Tal constatação também é passível de verificação no enredo. Nos desenhos do Mickey Mouse, Mickey facilmente poderia ser substituído por um humano sem alteração no enredo. Ele possui um cão doméstico, o Pluto. Pluto não fala, mas Mickey fala, como acontece na relação entre humanos e animais domesticados. Já em *Ratatouille*, não seria possível manter a mesma narrativa se Remy e os ratos fossem substituídos por humanos. A história não teria sentido e seria necessário reescrevê-la. Mickey tem desejos e intenções de humanos. Remy tem desejos e intenções de rato.

Randy Malamoud (2007) observa que ao contrário dos animais representados antigamente que eram motivos de chacotas como porcos gajos e coiotes sem talento de caça, os de hoje são mostrados de forma bastante sofisticada com uma aguçada sensibilidade ao seu habitat e ao seu ser. E isto pode ser reflexo de uma mudança cultural na nossa relação com eles.

Entretanto, apesar de ser muito comum nos dias atuais uma representação mais fiel dos animais assim como a inclusão da temática da relação ética entre animal e humano nos roteiros das animações, mesmo assim isso não ocorre somente após o fomento da discussão sobre direitos animais, a partir da década de 70. A animação *Bambi*, produzida em 1942, é um filme que retrata com fidelidade e sensibilidade os animais, trazendo questões relativas à ética pelos animais. Tem como cerne da discussão a caça aos animais, sendo considerado um filme subversivo à época pelo lobby da caça, tanto que foi rotulado por estes como: “o pior insulto já oferecido, em qualquer forma, ao esportista americano” (BURT, 2002, p. 9, trad. própria).

Segundo o livro *That's all folks?*, os filmes clássicos mostram que as ideias de libertação animal já existiam desde antes da publicação de *Libertação Animal* por Peter Singer. Entretanto, os autores do livro ponderam que os filmes que apontam qualquer discussão em relação aos direitos animais, não necessariamente concordam em suas propostas e também nem sempre estão sincronizados com a visão ambientalista.

Direitos animais focam nos indivíduos, ambientalistas defendem que humanos são simplesmente integrantes da comunidade viva que interage cooperativamente e com igual valor ético. Nenhuma espécie predomina sobre a outra, são todos cidadãos bióticos. (MURRAY; HEUMANN, 2011, p.52, trad. própria).

Para esses autores, a ideia de direitos animais nos filmes animados que precedem o trabalho de Singer em 1973, revela que apesar dessas animações advogarem pelos direitos animais, elas não necessariamente promovem o ambientalismo, especialmente



aquele baseado em um organismo ecológico. Alguns filmes focam nos direitos animais e outros no ambientalismo. Os mais radicalmente alinhados aos direitos animais podem desencorajar o ambientalismo, uma vez que pregam que a natureza só pode estar em harmonia sem o homem. *Dumbo* (1941) e *Bambi* (1942), por exemplo, propagam a ideia de que animais e humanos vivem vidas separadas de humanos e quando eles buscam se conectar sofrem (MURRAY; HEUMANN, 2011, p. 54). Tal visão é oposta à ambientalista que prega que todos podem conviver em harmonia, como “cidadãos bióticos”, como um “organismo ecológico”. Entretanto, não apenas entre as animações mais antigas há essa divergência de visões, *Fuga das Galinhas* (2000) e *Bee Movie* (2007) também mostram tal divergência de visões, estando o primeiro entre a linha dos direitos animais e o segundo adotando a visão ambientalista.

Contudo, apesar dos filmes apresentarem discussões relativas seja à ética pelos animais ou ambiental, é fato que no século XXI vemos uma avalanche de filmes que trazem consigo essas questões que tem se tornado até mais radicais. Os 4 filmes do século XX que tratam da ética animal são: *Dumbo*, que traz a temática do animal em circo usado para entretenimento, mostra alguns dos maus tratos contra os animais de entretenimento, entretanto o maior problema de *Dumbo* é o bullying que sofre devido ao tamanho de suas orelhas; *Bambi* foi considerado o mais radical, pois enfrentou o lobby da caça ao tratar de um veado que perde a mãe devido aos caçadores; *A dama e o vagabundo* discutem a questão do animal de raça e dos sofrimentos dos animais que vivem nas ruas; *101 Dálmatas* trata da questão do uso de peles de animais. Já no século XXI novas temáticas são incluídas como o uso de animais para alimentação em *Fuga da Galinhas* e *Bee movie*, a criação de peixes em aquário em *Procurando Nemo*, a busca da ciência em capturar os animais exóticos em *UP- altas aventuras*, o tráfico de animais selvagens em *Rio*, a perda de território dos animais em *Os sem-florestas*, a modificação genética em *Wallace e Gromit*, o retorno de animais criados em cativeiro a seu habitat original em *Madagascar*, como temos tratado os ratos, animais considerados pestes em *Ratatouille*, entre outros.

Animações de longa metragem que tratam de temas semelhantes nem sempre concordam quanto às soluções apresentadas para o mesmo tipo de problema. Para exemplificar tais propostas, serão analisadas a seguir *Fuga das galinhas* e *Bee movie*, utilizando alguns elementos da semiótica greimasiana e da análise do discurso (FIORIN, 2009).



Fuga das Galinhas, Bee Movie e a discussão sobre o consumo de animais.

Quando analisamos as animações podemos seguir dois caminhos de análise: o plano figurativo, relativo ao que vemos de imediato, onde enxergamos a narrativa dos personagens animais; o plano temático quando, ao analisarmos as animações, nos remetemos aos animais como metáforas para tratarmos de pessoas e nossas relações. Esta análise focará no primeiro método que é compreender a mensagem do plano figurativo, pois esta investigação trata de verificar a representação da temática dos direitos animais na animação, não o quanto os animais representam as relações humanas. Outras interpretações de *Fuga das Galinhas* observando as galinhas como metáfora de humanos em campo de concentração também são possíveis. Entretanto, a proposta deste artigo é compreender os retratos da ética humano-animal nas animações.

A ideia de que os animais são metaforicamente indispensáveis para a humanidade é atraente, porque propõe uma relação entre seres humanos e animais que não é necessariamente de exploração e também nos ajuda a refletir sobre aspectos próprios da nossa cultura. Mas é antropomórfica, pois atribui aos animais todo o tipo de características humanas. E os animais não podem ter sua imagem reduzida a uma simples metáfora porque a história que o animal carrega possui conotações específicas, particularmente ligadas a outras noções de ética e bem-estar (BURT, 2002, p. 30). Mesmo porque essa é a proposta desse trabalho: compreender o quanto a relação entre ética, animais e animações estão interligadas. Como Baker (2001) afirma, as análises fílmicas, literárias ou de outras produções culturais que usam as figuras animais para representar suas histórias como simples metáforas de nossa sociedade sem questionar a respeito dos animais em si e de nossa relação com eles, servem para reforçar a marginalização do animal, como se o estudo sobre ele fosse um campo menor de estudo que não merecesse nosso debruçar. Mais ainda, o olhar metafórico para todos os animais ajuda a sustentar o mito de que animais não podem ser vistos como pessoas, mas apenas como seres metafóricos. O que reforça a ideia de que o animal não tem uma vida digna de valor e interesse. Portanto, devemos olhá-los como algo maior da expressão de nossa cultura e da relação dela com a natureza e com os outros animais.

No plano figurativo, ambas as narrativas mostram dilemas relativos ao consumo de animais. *Fuga das Galinhas*, animação produzida pela Dreamworks em 2000, retrata a vida de galinhas presas em uma granja. Cansadas de produzir ovos até o momento da degola, as galinhas, cuja líder é Ginger – uma galinha de espírito revolucionário –,



resolvem escapar da granja em busca de uma vida livre, sem exploração. O filme mostra o conflito de interesses entre humanos exploradores e consumidores de animais – estes desejam expandir seus lucros, mesmo que a custo de outras vidas – e animais como sujeitos-de-uma-vida (Regan 2006) – com interesse na vida independentemente de sua utilidade.

Bee Movie – também produzido pela Dreamworks, em 2007 – tem como manipulação do filme o drama de uma abelha aventureira ter de escolher uma única profissão para a vida inteira, ou seja, a abelha busca um lugar dentro da sociedade de abelhas. Em sua busca por aventuras, Barry B. Benson, abelha protagonista, faz amizade com uma humana o que o leva a conhecer um novo mundo: o mundo humano. Nesta descoberta, durante uma excursão ao supermercado, encontra uma prateleira cheia de potes de mel, o que o faz questionar da onde vem o mel e quem o produziu. Durante a investigação, Barry encontra um apiário onde as abelhas são criadas de modo artificial para a produção de mel. Barry se horroriza e decide processar a raça humana pelos maus-tratos infringidos as abelhas.

Em seu enredo, *Bee movie* apresenta diretamente a discussão acerca dos direitos animais: A possibilidade de relação amigável entre uma humana e um inseto; a defesa da vida da abelha pela humana; o questionamento humano de porquê a vida da abelha vale menos que a humana?; a afirmação de que toda vida tem valor e de que não podemos saber o que a abelha pode sentir; o ato de pegar um currículo (valioso para o personagem coadjuvante) colocar a abelha em cima cuidadosamente e leva-la para fora da janela; e o auge dos direitos quando a abelha vence o processo contra a raça humana e tem todas suas exigências aceitas.

Fuga das Galinhas não apresenta diretamente o debate acerca dos direitos animais, uma vez que direitos pressupõe algo concedido por humanos e, no filme, todos os humanos são vilões. Entretanto, apresentam um conceito caro aos direitos animais que é a possibilidade dos animais serem reconhecidos como sujeitos-de-uma-vida. Tom Regan, no livro *Jaulas Vazias* (2006), apresenta o conceito de animais como sujeitos-de-uma-vida que entende os animais como conscientes de sua vida, desejando tanto a vida quanto um ser humano. No longa as galinhas desejam tanto a vida que se recusam a trabalharem como produtoras de ovos. Elas são capazes de questionar a possibilidade de vida além da cerca e desejá-la. Desejam tanto escapar quanto um ser humano deseja e quanto os animais de utilidade desejam quando tentam escapar do caminho do cativeiro.



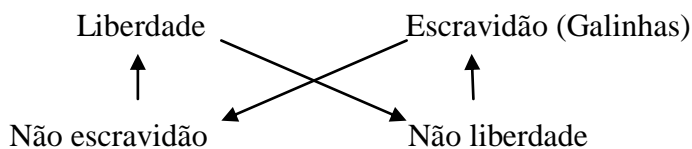
Em *Fuga das Galinhas*, todos os humanos são vilões, inclusive os cachorros – dado a proximidade com humanos. O que difere de filmes anteriores, onde cachorros são sempre amigáveis. Quando não falam diretamente com humanos, falam entre si, de modo a fazer o espectador ouvi-lo e compreendê-lo. Na análise de Hirschman e Sanders (1997), os autores analisam 10 filmes de longa metragem que tratam sobre animações e estabelecem cinco categorias de animais que aparecem frequentemente nestes filmes. A categoria animais de utilidade (fazenda) é relativa aos animais domesticados, mas que não são de companhia, pois são usados para alimentos ou serviços. Animais desta categoria raramente falam com pets, mas nunca com humanos. Estes animais são menos humanizados, pois seu status de objeto dificulta a metáfora para humanos. Em *Fuga das Galinhas* essa lógica é invertida: as galinhas são providas de valores humanos e os cães, e até mesmo os humanos, desprovidos de humanidade, pois são os vilões. Isto porque os cães são coadjuvantes dos humanos, são usados como instrumento humano para manter as galinhas presas.

Em *Bee Movie* a relação dos animais com humanos é diferente. Há humanos bons, ruins e medianos. Humanos bons são aqueles capazes de compreender os animais e defendê-los. Medianos são os incapazes de compreender porque sua vida é tão valiosa quanto à de uma abelha. Humanos ruins são os exploradores dos animais. Já entre os animais todos são bons, não há vilão. Todos são capazes de falar, inclusive os insetos, que geralmente são os menos capazes de causar empatia humana. Capacidade de fala, quando dada aos animais, tem a função de provocar empatia e possibilidade de compreensão do espectador. É uma maneira de nos colocar no lugar do outro.

Bee Movie conclui sua história ratificando a possibilidade de uma relação verdadeira com animais. Barry B. Benson encontra sua profissão que é trabalhar com humanos no campo do direito. Dado o sucesso do seu processo contra a humanidade, Barry vira advogado. Enquanto está em seu escritório, Barry recebe uma vaca como cliente que decide processar a raça humana devido à exploração dos produtos lácteos. Barry acha piada e considera a vaca ingênua, afinal Barry aprendeu a lição: há uma lei natural que rege a relação entre humanos e animais a qual autoriza os humanos a se apropriarem de produtos animais, caso isso não ocorra, haverá desequilíbrio na natureza.

Já para as galinhas, em *Fuga das Galinhas*, a única solução para a almejada liberdade é viver longe de humanos em uma ilha isolada. Isto não causaria nenhum desequilíbrio na sociedade.

Se usarmos o quadrado semiótico (figura abaixo) para analisarmos *Fuga das galinhas*, por exemplo, vemos que a escravização do animal escraviza também o dono. No filme há oposição clara entre liberdade e escravidão. As galinhas vivem em condição análoga à escrava, mas quando negam tal condição almejando a liberdade a conquistam. Por outro lado os donos da granja insistem na escravização das galinhas e, estando livres, negam sua liberdade ao quererem a escravização do outro (galinha), tornando-se assim escravos da ganância. Tal situação é representada no final do filme, após as galinhas conseguirem alçar voo, quando a dona da granja cai em cima da própria máquina que fabricava tortas de frango, implodindo-a. A dona da granja é presa pela própria armadilha que ela criou.



Bee Movie apresenta claramente a recente discussão acerca dos direitos animais. Porém, não a defende e tenta naturalizar o consumo de animais. No final, quando a vaca também decide processar a humanidade devido à exploração de seus produtos lácteos, Barry faz pouco caso, como se fosse algo inútil. O filme reforça a ideia de que animais foram feitos para servir a humanidade e que há um possível equilíbrio nisso.

Fuga das galinhas é mais ousado quando pensa na possibilidade de questionamento pelos animais de sua condição e a possibilidade de se libertarem desta.

Considerações finais

Apesar de algumas animações de longa metragem do século XX já abordarem o tema dos direitos animais, é no século XXI que aumenta a sua produção ganhando tanto destaque que elas estão entre as animações que arrecadam maior bilheteria. Além do aumento quantitativo, também ocorreu o aumento qualitativo como assinalado nesse trabalho. As animações passam a incluir uma ampla variedade de temas relacionados à esfera dos direitos animais, como também a retratar os animais de forma mais fidedigna. Isso está diretamente relacionado com as questões levantadas pelos pensadores da área. Uma das primeiras propostas práticas de direitos animais foi banir a caça, por Henry Salt, mesmo tema apresentado em *Bambi*, primeira animação a tratar do assunto. A



discussão sobre o uso de animais para alimentação ganha fôlego em 1975 com a publicação de *Libertação Animal* por Peter Singer, só a partir de 2000 é que vemos tal discussão nas telas em animações de longa metragem. Isso porque além de acompanhar o pensamento da época, a animação precisa tratar de questões populares para serem compreendidas e aceitas. Quanto mais a discussão se populariza, mais as mídias tratam do tema. Essas abordagens estão diretamente ligadas com as lutas ideológicas que ocorrem na sociedade como afirmou Douglas Kellner (2001).

Fuga das Galinhas e *Bee Movie* representam a discussão ética em torno do consumo de animais e dão soluções distintas a esse dilema que nossa sociedade vive. Tais filmes tornaram-se parte importante de nossa produção e consumo narrativo na cultura, eles não só representam dilemas éticos, como também apresentam soluções para tais problemas, mesmo que seja imaginário. São veículos que carregam significados do que é e de como deveria ser o humano. Os filmes de longa metragem possuem as mesmas funções que o mito. Em seu sentido antropológico, o mito serve como uma “solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no plano simbólico e muito menos no plano real” (CHAUÍ, 2007). Essas animações, assim como os mitos, tentam resolver questões que estão latentes em nossa sociedade.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, T. Indústria Cultural. In: *Dialética do Esclarecimento*. São Paulo: Zahar, 1985.

BAKER, S.. *Picturing the beast*. University of Illinois, 2001.

BENNET, Tonny; GUREVITCH, Michael; JANET, Wollacott. *Culture, society and the media*. USA: Ed. Taylor e Francis, 1982.

BENTHAM, Jeremy. Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BERGER, John. *Why look at animals?* London: Penguin Books, 2009.

BURT, Jonathan. *Animals in film*. London: Reaktion books, 2002.



CHAUÍ, M.. *Desafios e obstáculos para o educador democrático*. Conferência apresentada na “E.E. Rui Bloem” em 5 de agosto de 2007.

DENIS, S.. *O cinema de animação*. Lisboa: Texto & Grafia, 2010.

FIORIN, J. L.. Percurso gerativo de sentido. In: *Elementos da análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2009.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. *A natureza do desenho animado ensinando sobre o homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...* Tese de doutorado, Faculdade de Educação, UFRGS, 2003.

MALAMOUD, Randy. Animal Animated Discourse. In: *The Chronicle of Higher Education*. October 19, 2007.

MURRAY, Robin L.; HEUMANN, Joseph K.. *That´s all folks? Ecocritical readings of American animated features*. Lincoln, NB: University of Nebraska Press, 2011.

REGAN, Tom. *Jaulas Vazias: encarando o desafio dos direitos animais*. tradução Regina Rheda - Porto Alegre, RS: Lugano, 2006.

REGAN, Tom. The case for animals rights. In: SINGER, Peter (ed), *In Defense of Animals*, New York: Basil Blackwell, 1985, pp. 13-26.

SINGER, Peter. *Libertação animal*. Porto Alegre, S.Paulo: Lugano, 2004.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira; MEDEIROS; Paula. Com o foco nos animais para melhor apreender o mundo. In: *Cienc. Cult.* Vol. 63 no. 3 São Paulo July, 2011.

Referências Filmográficas:

101 DÁLMATAS. Direção: Stephen Herek: Disney, 1996. 1 DVD (103 min).

102 DÁLMATAS. Direção: Kevin Lima. Disney, 2000. 1 DVD (100 min).

A DAMA e o vagabundo 2. Direção: Darrell Rooney, Jeannine Roussel. Disney, 2001. 1 DVD (69 min).

A DAMA e o vagabundo. Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson, Hamilton Luske: Disney, 1955. 1 DVD (75 min.)



A ERA do gelo. Direção: Carlos Saldanha, Chris Wedge. Blue Sky, 2002. 1 DVD (81 min).

ARISTOGATOS. Direção: Wolfgang Reitherman. Disney, 1970. 1 DVD (78 min).

AS AVENTURAS de Bernardo e Bianca. Direção: Wolfgang Reitherman, John Lounsbery, Art Stevens. Disney, 1977. 1 DVD (77 min).

BAMBI. Direção: James Algar, Bill Roberts, Norman Wright, David Hand, Samuel Armstrong, Paul Satterfield, Graham Heid: Disney, 1942. 1 DVD (70 min).

BAMBI II. Direção: Brian Pimental. Disney, 2006. 1 DVD (72 min).

BEE movie. Direção: Simon J. Smith, Steve Hickner. Dreamworks, 2007. 1 DVD (2007).

BOLT. Direção: Christopher Williams, Byron Howard. Disney, 2008. 1 DVD (97 min).

DUMBO. Direção: Norman Ferguson, Wilfred Jackson, Ben Sharpsteen, Bill Roberts, Samuel Armstrong, Jack Kinney, John Elliotte: Disney, 1941. 1 DVD (64 min).

FUGA das Galinhas. Direção: Nick Park, Peter Lord: DreamWorks, 2000. 1 DVD (84 min).

IRMÃO urso. Direção: Aaron Blaise, Robert A. Walker. Disney: 2003. 1 DVD (83 min).

IRMÃO urso II. Direção: Bem Gluck. Disney, 2006. 1 DVD (73 min).

MADAGASCAR. Direção: Tom McGrath, Eric Darnell: DreamWorks, 2005. 1 DVD (86 min).

MADAGASCAR 2. Direção: Eric Darnell, Tom McGrath. Dreamworks, 2008. 1 DVD (89 min).

MADAGASCAR 3. Direção: Eric Darnell, Tom McGrath, Conrad Vernon. Dreamworks, 2012. 1 DVD (93 min).

MOGLI, o menino lobo 2. Direção: Steve Trenbirth. Disney, 2003. 1 DVD (72 min).



NEM que a vaca tussa. Direção: Will Finn, John Sanford. Disney, 2004. 1 DVD (76 min).

O ESPANTA tubarões. Direção: Rob Letterman, Vicky Jenson, Bibi Bergeron. Dreamworks, 2004. 1 DVD (90 min).

O REI leão. Direção: Rob Minkoff, Roger Allers. Disney, 1994. 1 DVD (89 min).

OS SEM-floresta. Direção: Tim Johnson, Karey Kirkpatrick. Dreamworks, 2006. 1 DVD (85 min).

POR água abaixo. Direção: Sam Fell, David Bowers. Dreamworks, 2006. 1 DVD (85 min).

PROCURANDO Nemo. Direção: Andrew Stanton, Lee Unkrich: Disney, 2003. 1 DVD (100 min)

RATATOUILLE. Direção: Brad Bird, Jan Pinkava: Pixar, 2007. 1 DVD (111 min).

RIO. Direção: Carlos Saldanha. Blue Sky, 2011. 1 DVD (96 min).

SELVAGEM. Direção: Steve Williams. Disney, 2006. 1 DVD (82 min).

SHREK 2. Direção: Andrew Adamson, Conrad Vernon, Kelly Asbury. Dreamworks, 2004. 1 DVD (93 min).

SPIRIT - o corcel indomável. Direção: Kelly Asbury, Lorna Cook. Disney: 2002. 1 DVD (83 min).

TOY Story. Direção: John Lasseter: Pixar, 1995. 1 DVD (80 min).

UP - Altas aventuras. Direção: Bob Peterson, Pete Docter: Pixar, 2009. 1 DVD (96 min)

VIDA de inseto. Direção: John Lasseter, Andrew Stanton. Disney/Pixar, 1998. 1 DVD (96 min).

WALLACE e Gromit – a batalha dos vegetais. Direção: Nick Park, Steve Box. Dreamworks, 2005. 1 DVD (85 min).